

A subjetividade sob o olhar psicanalítico

The subjectivity through the psychoanalytic view

Leonardo Pinto de Almeida, Bruna Pinto Martins Brito, Rogério Robbe Quintella

Retomar o problema da subjetividade pelo viés psicanalítico é como retornar a uma terra conhecida sob um olhar estrangeiro, um olhar que mostra aquilo que não mais habita o território existencial. Este olhar estrangeiro é convidado pela necessidade de colocar em evidência, através das interlocuções de especialistas, uma instância problemática: a relação entre a psicanálise e a subjetividade. Esta motivação se sustenta em nosso desejo de colocar questões profundas para a compreensão do saber psicológico aos nossas leitoras e leitores.

No entanto, gostaria de sublinhar com este editorial a importância da amizade e das colaborações mútuas entre os membros da presente equipe. E mais ainda, venho aqui apresentar os dois novos editores-executivos que apoiarão os trabalhos de nossa revista deste momento em diante.

A professora Bruna Pinto Martins Brito e o professor Rogério Robbe Quintella acrescentam suas participações em nossa equipe me ajudando aqui na construção de um dossiê sobre psicanálise. Esta primeira incursão se justifica pela formação e pelas pesquisas desenvolvidas por eles, através desta perspectiva teórica.

Entretanto, como é de costume, este número apresenta, além do dossiê em questão, uma sessão de fluxo contínuo e uma de relatos de pesquisa.

Assim, antes de mapear o horizonte teórico dos artigos contidos na sessão do fluxo contínuo, gostaria de deixar o (a) leitor (a) com a companhia de Bruna Pinto Martins Brito e Rogério Robbe Quintella em sua apresentação do dossiê em questão.

Psicanálise e Subjetividade

A organização deste dossiê nos conduziu a discussão sobre a clínica psicanalítica a luz da subjetividade de uma época. Para tal, faz-se necessário lembrar que a subjetividade deve ser considerada como uma “reação historicamente contingente” (CASCARDI, 1995, p. 6) face às transformações na era moderna, em especial à rejeição de uma “visão naturalista da sociedade” em prol de uma visão racionalista do mundo. É na contramão desta visão racionalista que lançamos mão da teoria psicanalítica para refletir sobre o estatuto da subjetividade na atualidade.

Os artigos deste dossiê nos fazem retomar a uma importante consideração de Jacques Lacan: é preciso “alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época” (LACAN, 1998 [1953], p. 322). Estar atento à subjetividade é imperativo para aqueles que se dispõem a refletir e avançar a partir dos desafios da clínica atual.

O campo psicanalítico, com suas especificidades, nuances e plasticidades, aquilata na sua própria raiz o que Freud melhor pôde situar acerca da teoria da realidade psíquica. Ela não compõe a ordem do

Leonardo Pinto de Almeida

Universidade Federal Fluminense

Professor Adjunto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Doutor e Pós-doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Editor-chefe da Revista ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade.

leonardo_almeida@id.uff.br

Bruna Pinto Martins Brito

Universidade Federal Fluminense

Professora Adjunto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Editora-executiva da Revista ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade.

brunapmbrito@gmail.com

Rogério Robbe Quintella

Universidade Federal Fluminense

Professor Adjunto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Doutor em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Editor-executivo da Revista ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade.

rrquintella@hotmail.com

fenômeno dado à observação empírica, mas a ordem do mito ensejado à leitura refinada dos ouvidos, ficção de base de toda tragédia do neurótico, trazida à tona especialmente pela enigmática perturbação histérica do corpo, bem como pela compulsão moral do obsessivo, cujo pilar se inscreve no terreno incerto e inquietante do inconsciente.

Os textos aqui apresentados discutem, cada um com seu modo singular, sobre este universo que, de certa forma, rompeu com os estatutos deterministas do cientificismo objetivista clássico, abrindo um campo de pensamento antes não elevado à categoria de investigação e discussão para além do universo estritamente filosófico sobre a subjetividade humana. Por isso uma edição dedicada ao discurso psicanalítico é exercício inerente ao fazer cotidiano de um periódico como este, que se lança à diversidade no campo *psi*.

Iniciamos este percurso com o texto do psicanalista argentino Gerardo Arenas que nos apresenta um panorama sobre a concepção de subjetividade a partir daquilo que a distingue do sujeito. Consoante com os ensinamentos de Jacques Lacan, Arenas afirma a subjetividade como alienada, a saber, como “herdeira da instauração do discurso capitalista”. Em consequência, o autor delinea o cenário atual como aquele marcado pela desvalorização da subjetividade graças ascensão daquilo que é da ordem objetiva, efeitos de uma época marcada pela padronização e universalização, em detrimento da singularidade.

Em seguida, este dossiê apresenta dois artigos que retomam a obra freudiana, indicando-nos a importância de revisita-la para pensar os princípios fundamentais da clínica psicanalítica. O primeiro deles é o texto de Francisco Bocca e Vinícius Armiliato. Ele é um convite a se pensar a especificidade da investigação freudiana em meio à trajetória do pensamento moderno, colocando em cena a histeria para discutir a descoberta freudiana do inconsciente, cuja causalidade não tinha antes sido aventada por nenhum pensador. Abordando o inconsciente como uma “terceira causalidade” perante aquelas que vinham sendo postas em cena pelos pensadores modernos – a causalidade natural e a causalidade consciente – o inconsciente inaugurou um campo novo de abrangência não apenas especulativa ou científica, mas fundamentalmente *clínica*. O artigo seguinte, *Fenômenos elementares na psicose: o caso Schreber*, de Susane Zanotti e Thiago Felix Maurício, parte dos comentários freudianos sobre Schreber e se propõe a estabelecer balizas que orientem o psicanalista em uma época em que nos deparamos com psicoses que se apresentam com a ausência ou discrição de fenômenos elementares – característicos das chamadas psicoses ordinárias. Este texto nos aponta a importância de mantermos a interlocução entre os princípios da psicanálise afinados com as novas formas de manifestação da psicose na clínica hoje.

Em *Uma mulher contemporânea é espancada: a violência doméstica contra a mulher a luz da psicanálise*, Cassio Miranda e Juliana Ramos nos apresentam, de maneira inovadora, a leitura psicanalítica de um tema muito discutido em nosso tempo: a violência e sua relação com as parcerias amorosas. A discussão sobre o tema da violência doméstica se faz a partir daquilo que é interpelado pelas queixas que se apresentam na clínica. Ou seja, aquilo que é acolhido pela escuta convoca o analista a se debruçar sobre as questões de sua época, tal como Freud quando apostou na fala das históricas como via privilegiada de acesso ao que está em jogo no sintoma.

Ainda retomando os primórdios da teoria psicanalítica, aprendemos com Freud que a sublimação pode ser uma das tentativas de escapar ao sofrimento causado pelo sintoma. A sublimação em jogo na produção artística é tema discutido no artigo das autoras Kátia Macêdo e Luiza Ferreira. A partir da obra de John Lennon, as autoras analisam a criação artística como algo próprio a subjetividade humana, assim como uma via de representação inconsciente. A partir de um diálogo entre psicanálise e arte,

este trabalho aborda o processo sublimatório, enfocando as representações femininas em jogo na produção deste artista.

Se este artigo aborda o feminino e suas representações no processo criativo, o texto seguinte *Masculino: mito e declínio* enseja esta discussão sob a ótica daquilo que representa o masculino em nossa época. Para tal, Lize Souza e Henrique Carneiro abordam as concepções do masculino desde suas construções às suas inferências na constituição subjetiva. Além desta trajetória histórica, este texto nos denuncia o declínio contemporâneo do mito masculino graças aos fatores como avanços tecnológicos e movimento feminista. Em consequência, estamos diante de uma época que impele a desconstrução dos mitos masculinos bem como a elaboração de novas representações subjetivas do masculino.

Para enriquecermos a discussão psicanalítica atual, convidamos à leitura do instigante texto de Paulo Vidal. O autor demonstra que o complexo de Édipo se constitui como estrutura mítica em torno de um impossível que só pode ser conjecturado a partir dos seus efeitos na dinâmica sintomática. Isto leva a assinalar que o sujeito de Freud se aproxima muito mais de *Hamlet*, de Shakespeare, do que do próprio Édipo Rei, de Sófocles. Este último – meio intelectual de Freud para enunciar a tragédia fundante da cena inconsciente – é elemento extrínseco à própria proposta freudiana do complexo de Édipo. Vidal demonstra que a personagem de Hamlet figura, desde o Renascimento, o que Freud veio a descobrir após seu impasse teórico inicial sobre o núcleo patógeno do sintoma. A fantasia edipiana como base da neurose é estrutura mítica que nada fala sobre a realidade do Édipo Rei da literatura sofocliana, mas sobre o conflito que sustenta o sintoma em torno do *desejo da mãe*, tal como em Hamlet desponta. Vidal aborda, assim, o fundamental na releitura freudiana do Édipo: trata-se do *impossível* em jogo na construção mítica. Em tempos em que a objetividade insiste na “certeza” de que tudo é possível, parece-nos pertinente retomarmos a dimensão do impossível para compreender a subjetividade contemporânea.

Por fim, encerramos este dossiê com o artigo de Jean-Luc Gaspard e Nelson da Silva Junior. Em *Les subjectivités de notre temps*, os autores nos instigam a pensar em uma pluralidade de subjetividades. Os autores nos apontam uma proliferação de subjetividades, frutos do impacto da ciência em nossa época. Se antes, as religiões e as sociedades tradicionais imputavam espaços determinados para o exercício da subjetividade, com o declínio e/ou fragilização destas instâncias reguladoras, estamos diante de uma proliferação de subjetividades face a uma pretensa “liberdade individual”.

Longe de esgotar a discussão *Psicanálise e subjetividade*, este dossiê pretende ensejar um diálogo sobre a importância de uma práxis psicanalítica sempre atenta a emergência de nova(s) subjetividade(s).

Seguindo o fluxo do pensamento...

Depois dessa incursão no universo psicanalítico, nos debruçamos sobre a continuidade dos pensamentos expostos no presente número, representada pelas sessões de fluxo contínuo e de relatos de pesquisa.

Na sessão de fluxo contínuo – intitulada *Temáticas Diversas*, se encontram cinco artigos e, na sessão relatos de pesquisa, um texto.

Continuando assim nosso olhar atento sobre o número, foquemos sobre os textos que compõem a sessão *Temáticas Diversas* e a de *Relatos de Pesquisa*.

Na sessão *Temáticas Diversas*, encontram-se cinco artigos passando por reflexões sobre o trabalho, a família e a disciplina na contemporaneidade, proporcionada pelas interfaces entre psicologia e filosofia.

O artigo *Gênero profissional como multiplicidade* de Jésio Zamboni se debruça sobre questões concernentes ao universo do trabalho. A partir da esquizoanálise e da psicologia da atividade, o autor analisa a potencialidade do conceito de gênero profissional para a compreensão do trabalho.

Em *Os modelos de Competências e o seu Contributo para a Gestão de Carreiras*, Maria Lurdes Pedro reflete sobre as vicissitudes do trabalho contemporâneo pelo viés de uma reflexão sobre a gestão das carreiras na atualidade.

Em *Trajatórias analíticas em Vigiar e punir*, Kleber Prado Filho, Janaina Rodrigues Geraldini e Carlos Antonio Cardoso Filho tecem algumas reflexões sobre a obra foucaultiana.

No artigo *A Família Contemporânea - Entre Tradições e Perícias*, Caio Monteiro Silva e Angela Cardoso Andrade analisam os modos de subjetivação contemporâneos à luz de um resgate sócio-histórico da concepção e da estruturação das famílias contemporâneas.

Em *Varones desertores: la protesta, sin propuesta*, Carlos Rubén Carrasquillo e Josefina Sánchez Felix analisam, através de grupo focal, o abandono escolar de meninos na escola provenientes de problemas sociais.

Já na sessão relato de pesquisa, está o texto *Psicologia e políticas sociais* de João Paulo Pereira Barros. O autor se propõe a apresentar com clareza os resultados de uma pesquisa sobre a compreensão de psicólogos de Fortaleza sobre as políticas sociais.

Deste modo, termino a apresentação do presente número. Agora só me resta convidá-los a tomar a tessitura dos artigos, aqui expostos, para usufruírem da tão maravilhosa capacidade humana de produção de sentido.

Boa recepção!

Leonardo Pinto de Almeida

Referências bibliográficas

CASCARDI, A. **Subjetivité et modernité**. Paris: Puf, 1995.

LACAN, J. Função e Campo da fala e da linguagem (1953). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 238-324.